

10 a 13 de maio de 2016

## **OLHARES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DA PROF<sup>a</sup> ANTÔNIA DO SOCORRO SILVA MACHADO: UMA MULHER UMA ESCOLA, UMA QUILOMBOLA.**

Iany Elizabeth da Costa – UFPB<sup>356</sup>

### **Resumo:**

O presente artigo faz uma breve análise sobre a figura de D. Antônia do Socorro Silva Machado ou D. Toinha: mulher, professora, negra e quilombola, que foi responsável pela inserção da escolarização na Comunidade Quilombola de Paratibe, João Pessoa – PB. Por essa razão, nos interessou destacar a importância histórica que esta mulher teve e ainda tem dentro da escola da qual foi fundadora e na lembrança do povo quilombola de Paratibe e região, neste sentido, lançaremos nossos olhares sobre as ações de D. Toinha na luta por Educação nesta Comunidade Quilombola, utilizando para isso, de um dos métodos da História Oral (Entrevistas) e da bibliográfica produzida sobre esta mulher, para reconstruir os passos dados por esta educadora em busca de uma Educação de qualidade para seu povo.

**Palavras-chave:** Mulher, Quilombola, Educação.

### **Introdução**

A história da Educação no Brasil, durante muito tempo manteve em suas narrativas históricas uma abordagem elitista, na qual não aparecia a questão de raça e gênero. Negros (a), indígenas e mulheres estiveram por muito tempo segregado do processo educativo, principalmente, nos primeiros momentos do processo colonial, onde a escolarização era oferecida por sacerdotes em Seminários/Mosteiros ou na modalidade de preceptores nas Casas Grandes, atendendo apenas a um seleto grupo social de origem branca e masculina.

As mulheres cabiam apenas o espaço da casa ou do âmbito familiar e dos afazeres domésticos, possuindo muitas vezes quase ou nenhuma instrução, essa problemática também era vivenciada pela população cativa, na qual o contato com a escolarização se dava muito mais pela via da catequese, do que pela alfabetização, como aponta Marcílio (2005, p.3): —Quando se deu a expulsão dos jesuítas em 1759, a soma de alunos de todas as instituições jesuíticas não atingia 0,1% da população brasileira, pois, delas estando excluídas as mulheres (50% da população)¶.

---

<sup>356</sup> Mestranda do programa de pós-graduação em Direitos Humanos pela Universidade Federal da Paraíba (2014), especialista em Educação Integral e Direitos Humanos pela Universidade Federal da Paraíba (2014), possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2010). Atualmente é bolsista de Mestrado da CAPES/CNPQ. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Étnico-raciais, atuando principalmente no campo da Educação das Relações Étnico-Raciais, Integral e Direitos Humanos. [ianyelizabeth@hotmail.com](mailto:ianyelizabeth@hotmail.com)

III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais:  
Igualdade racial no ambiente escolar

10 a 13 de maio de 2016

As ausências femininas na instrução de ensino brasileiras coincidem com o processo histórico da construção do gênero no Brasil, no qual, as mulheres de diferentes condições sociais estiveram historicamente submetidas à dicotomia: Casar/Procriar, Objeto/Submissão. Assim, como também, seus corpos estiveram sobre deleite masculino para a reprodução muitas vezes a força, sendo, suas maiores vítimas mulheres negras e indígenas, tais práticas, na mentalidade europeia do século XVI, que legitimava a supremacia masculina em detrimento do feminino. Segundo Ribeiro (2006, p.05): —Na visão quinhentista da época, as portuguesas faziam parte do —Imbecilitus Sexus‖ uma categoria que enquadrava crianças, mulheres e doentes mentais‖.

Excluídas socialmente, poucas foram às mulheres na Colônia Portuguesa na América, que tiveram acesso a Educação e destaque como líderes, pois, no geral essas mulheres não eram vistas com bons olhos (RIBEIRO, 2006). Na sede do Império Português a exclusão feminina dos bancos escolares também era recorrente: —não havia escolas para meninas, apenas recolhimentos que visavam o ensino de afazeres domésticos‖ (RODRIGUES, 1962, p.18).

Mesmo no Império, a exclusão de mulheres e cativos dos bancos escolares continuou sendo recorrentes, mesmo porque, a transição de modo de governo não alterou o modelo de estrutura social. Segundo Dias (1984) durante todo o século XIX várias mulheres das classes baixas ou mesmo escravas de ganho, ocuparam diversos postos de trabalho, empreendendo um leque expressivo de relações sociais, sendo influentes e muitas delas senhoras de escravo, mesmo assim, a condição feminina não encontrava espaço de direitos dentro da sociedade elitista e escravista.

Entretanto, esse cenário de exclusão racial e de gênero começa a mudar em meados do século XX, principalmente, no âmbito da Educação pública no Brasil, as mobilizações dos movimentos de negros e mulheres começam a criticar a estrutura social vigente e a exigir igualdade de direitos e de acesso, com a ampliação dos núcleos escolares possibilitou a inserção de meninos e meninas negros (as) de diferentes condições jurídicas – livres, libertos, forros – passando a marca uma presença importante nos bancos escolares. Segundo Cruz (2011, p.29) em análise dos grupos escolares de Campinas entre fins do século XIX e início do XX notou-se que: —no período de 1897 a 1925 [...] —a presença das crianças negras em fotografias de turmas de alunos de diferentes grupos escolares e em diferentes épocas‖.

Esse processo de inserção das mulheres e da população negra no Brasil foi desencadeado a partir de um lento processo, empreendido graças à luta constante de militantes feministas e da

10 a 13 de maio de 2016

negritude por direito fundamentais, principalmente, pelo acesso e permanência na escola travadas ao longo do século XX e que ainda repercutem atualmente nos debates da temática de gênero e da educação étnico-racial.

Nesse contexto, apresentamos neste presente artigo um estudo sobre a figura histórica de D. Antônia do Socorro Silva Machado, uma mulher negra, uma professora que viveu em uma Comunidade Quilombola chamada Paratibe, localizada na zona sul da capital paraibana João Pessoa/PB, local onde mesmo sem apoio do poder público, principiou em meados de 1950 o processo de escolarização desta comunidade, fundando o que veria a ser atualmente a Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônia do Socorro Silva Machado, contando na maior parte do tempo apenas com recursos próprios e com o apoio de sua família para isso. Buscaremos então destacar a figura de D. Antônia e a sua luta na busca pelo saber na Comunidade Quilombola de Paratibe, para isso, fizemos um levantamento de dados bibliográficos sobre esta educadora, utilizando também de entrevistas e visitas a comunidade quilombola para compor os passos dessa importante educadora negra.

**A figura histórica de D. Antônia do Socorro Silva Machado (1930-1992): Uma mulher, uma negra á frente de seu tempo.**

Buscando destacar a importância de D. Antônia do Socorro para a Comunidade Negra de Paratibe, utilizamos os princípios da Nova História, que na segunda metade do século XX, passou a dar enfoque aos indivíduos antes esquecidos das narrativas históricas positivistas, ou seja, a História Total ou História dos Vencedores, passando ao resgate dos registros históricos de: operários, escravos, mulheres, crianças etc. Segundo Sharpe (1992, p.59) a Nova História, provoca os historiadores a conhecer uma história —vista de baixo— definindo-a assim como: —um meio para reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdido, ou que nem tinham conhecimento da existência de sua história.

Tal resgate abriu espaço para a visibilidade de sujeitos antes invisíveis, possibilitando a progressiva produção científica sobre a História Social, principalmente, a partir da década de 1960, por isso, nosso trabalho visa utilizar desses pressupostos para análise de registros documentais, bibliográficos e orais que refazem os caminhos de D. Antônia e sua luta por uma Educação de qualidade para seu povo. Sendo assim, formulamos algumas questões: Quem foi D. Antônia? Qual sua importância na Educação dos quilombolas de Paratibe?

III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais:  
Igualdade racial no ambiente escolar

10 a 13 de maio de 2016

As possíveis respostas para tais questões se constroem a partir da análise documentais realizada para a presente pesquisa de mestrado intitulada: Comunidade Quilombola de Paratibe: Resignificação da Identidade Quilombola no Contexto Escolar no Programa de Pós-Graduação em Cidadania, Políticas Públicas e Direitos Humanos – PPGDH/UFPB, no qual buscamos perceber como é construída a Identidade Quilombola desta comunidade dentro do âmbito escola, tendo como universo de análise a própria comunidade e a escola que D. Antônia fundou, por essa razão, buscamos conhece-la melhor, mas quem foi ela?

Dona Antônia do Socorro Silva Machado ou simplesmente D. Toinha, como era conhecida, nasceu em 03 de março de 1930, no município de João Pessoa-PB, segundo Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território da Comunidade Negra de Paratibe - RTID (INCRA, 2012) foi a sexta filha do segundo casamento de Olavo Pedro da Silva<sup>357</sup> com Maria DaLuz (Maria Gorda) em 1930. Dona Antônia morou e viveu em Paratibe<sup>358</sup>, seu pai seu Olavo (1905-?)<sup>359</sup> foi uma referência em Paratibe: —sua família teve muita influência sobre os processos de uso, apropriação e negociação das terras. Nos anos 1950/60, era Olavo um dos que organizava o espaço territorial|| (Idem, 2012, p.21).

Segundo Lima (2010) Dona Antônia casou-se com Getúlio Machado da Silva, o casal não teve filhos, mas criou oito sobrinhos filhos de sua irmã Neusa, logo após a morte desta, sua estatura física era de aproximadamente 1,60/1,65m de altura, pesando cerca de 85 quilos, era negra e tinha orgulho de sua cor (ver: Anexo 1). Era muito querida por todos onde passava, Lima em entrevista com uma de suas sobrinhas destaca isso:

Minha tia era uma pessoa divertida, gostava de brincar, é, gostava de se pintar, usava brinco, pulseira um lencinho na cabeça, ela dançava até com os meninos aí, brincando quando era festa, era uma pessoa alegre ela. (Idem, 2010, p.53).

Durante muito tempo em Paratibe, D. Antônia foi à única professora, sendo responsável pela escolarização de muitos jovens, crianças e adultos, conforme aponta Joseane Pereira líder da Comunidade Quilombola de Paratibe, em entrevista concedida nos aponta que: —D. Antônia era uma excelente professora, sempre atenta, eu mesmo estudei com ela, ela ficava de olho em nós, se a gente faltava vinha na nossa casa saber o por quê?|. Segundo Lima (2010, p.55) em: —na sua

---

Um dos cinco ramos familiares do grupo de quilombolas que reivindicam o território ancestral de Paratibe (Grifo nosso), Ver: RTID da Comunidade Negra de Paratibe – INCRA/2012.

Quando menciono Paratibe me refiro a Comunidade Quilombola de Paratibe, não ao Bairro de Paratibe criado no final dos anos 80 na mesma região do antigo quilombo.

Não foi possível precisar a data de morte de Olavo, foi encontrado o túmulo da família com fotos dele, de Maria Gorda, Toinha, Neusa e outros familiares no Cemitério da Penha. (Idem, 2012, p.21).

III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais:  
Igualdade racial no ambiente escolar

10 a 13 de maio de 2016

ficha individual de docente [...] cursara o 2<sup>a</sup> grau completo – pedagógico - e outros cursos extras, como de reciclagem e de treinamento para diretores, além disso:

Tinha uma ascensão espiritual e social na comunidade muito grande, visto que era uma das —donas do teuço e organizava os festejos de São João junto com Zefa Vaqueiro, e depois da morte de Zefa permaneceu com a missão. Como professora era uma das únicas pessoas da comunidade a ter salário, depois como diretora, tinha o poder de empregar pessoas, como fez com seu marido, Getúlio, que ocupou o cargo de inspetor na Escola. (Idem, 2012, p.21).

Por conta da sua forte relação com a Comunidade Quilombola, D.Toinha teve importante papel na escolarização da região entre 1950-1992, tendo em vista que, a comunidade ficava localizada em zona rural de difícil acesso, como aponta Lima (Idem, p.60). Paratibe naquela época: —Não tinha nada nem uma escolinha. Como era não passava ônibus a gente ia a pé até a cidade. Ou então a gente andava de cavalo ou de bicicleta [...] nem estrada era chamado de caminhó.

Tal fato dificultava muito a mobilidade dos alunos as escola fora da comunidade, acreditamos que por conta disso, D. Antônia tenha começado um trabalho de alfabetização local formando uma escolinha particular no quintal de sua casa, conhecida como —escola de D. Antônia, Lima (Idem, p.54), em entrevista com Estela Reis Gestora-Geral da referida escola, questionando-a sobre a figura de Dona Antônia, esta expos que:

Era uma mulher sensível, amantíssima dos sobrinhos, da família, muito respeitada na comunidade. Ela se doava por inteiro não só nessa escola, aos pais dos alunos, do alunado. Quando muitas vezes dependia da venda de frutas periódicas, ela cedia o sitio dela, enorme, de caju, para eles tirarem e venderem na feira livre.

A generosidade e o trabalho ativo voltado para a Comunidade Quilombola de Paratibe, foi um dos pontos norteadores dentro das leituras realizadas para esse trabalho, sendo, na qual percebemos a figura de D. Antônia em todos os processos educativos da região de Paratibe, ainda hoje, sendo lembrada referencia como exemplo de mulher e de profissional, destacamos essa importância no episódio de sua morte, descrito por Estela Reis, Gestora Geral em entrevista concedida:

Sua morte ocorrida em 26 de setembro de 1992 causou grande comoção aqui em Paratibe (Bairro e escola), daqui saíram dois ônibus lotados para acompanhar o enterro no túmulo de seus familiares no Cemitério da Penha, até hoje sua falta é sentida, na escola porque ela cuidava de tudo aqui, era ela que fazia a ligação entre a escola a comunidade quilombola.

**Da escolinha de D. Toinha á Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônia do Socorro Silva Machado: Um processo de luta.**

III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais:  
Igualdade racial no ambiente escolar

10 a 13 de maio de 2016

Como mencionamos anteriormente, D. Antônia do Socorro, inicia já década de 1950 uma escolinha particular no quintal de sua casa, com o objetivo de alfabetizar: crianças, jovens e adultos, sendo durante muito tempo a única professora atuando nessa localidade. Paratibe, nesta época como mencionado era um lugar de difícil acesso, localizado na zona sul da capital João Pessoa, permaneceu até a década de 1980 com uma característica rural, conforme aponta Lima (idem, p.60) em entrevista com um de seus sobrinhos era —um local cheio de árvores, era mais família que morava nas localidades, era sítio<sup>ll</sup>, destacando assim, a necessidade de uma escola na localidade.

A escolinha de D. Antônia funcionava nos fundos da sua casa no sítio Paratibe, segundo Cavalcante & Crispim (2011, p.06) em entrevista com uma de suas ex-alunas era: —uma sala de aula, uma casinha mesmo, os tambores era banco, não era cadeira, nessa época era uma professora, uma excelente professora estudei com ela até a 4ª série<sup>ll</sup>. Lima (idem, p.55) expõe em entrevista com um dos sobrinhos dela que ela começou a ensinar em:

Uma escola, em sua própria casa, era uma escolinha muito bem pequena, que foi que se localizava, na Portela, ela começou com uma escolinha particular, ela ensinava não tinha ninguém, nada, para ajuda-la. Era frequentada pelo povo da comunidade, que era muito pouca gente, porque a comunidade era pequena, a Portela, ainda existe o terreno que pertence ainda a ela.

Na escola de D. Antônia os alunos estudavam no modelo multiseriado, ou seja, diferentes faixas etárias e níveis escolas juntos na mesma classe, realidade encontrada ainda hoje em escolas do campo<sup>360</sup>, Lima (2010) nos coloca que a escolinha de D. Antônia teve um grande aumento no número de alunos entre as décadas de 1950 – 1970, tornando o espaço pequeno, tendo em vista que, tanto a escolinha quanto o material usado nela era fruto de doações e muitas vezes saía do próprio bolso da educadora, D. Antônia conseguia às vezes doações vindas da prefeitura de João Pessoa, como cita Cavalcanti & Crispim (idem, p.08) em depoimento tomado com uma de suas ex-alunas que explicita que:

Os materiais eram livros de geografia, matemática, português e aquelas cartilhas de ABC. Muitos eram doações que ela conseguia com o governo. Tinha quadro, giz, a gente escrevia no quadro, respondia o que ela perguntava no quadro.

---

<sup>360</sup> Ver: Passo-a-passo para a adesão ao programa escola ativa – MEC – Plano Nacional de Desenvolvimento da Educação – disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/manuaadesao\\_escolaativa.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/manuaadesao_escolaativa.pdf)>. Acesso: 02/11/2014.

III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais:  
Igualdade racial no ambiente escolar

10 a 13 de maio de 2016

O aumento da demanda de alunos tem haver com o processo de urbanização da área em torno do quilombo de Paratibe, segundo o RTID (Idem, p.27): —O período de 1970-1990 é de grande interesse para nossa pesquisa, pois, foi nesse momento que ocorreu o primeiro movimento forte de urbanização da região. Essa urbanização potencializou a ampliação da escolinha de D. Antônia, segundo Jandira Pontes a atual diretora geral da escola, em entrevista concedida nos informou que:

Uma série de negociações entre a família de D. Antônia, grande proprietária de terra em Paratibe e a família de Domingos José da Paixão grande proprietário de Muçumagro, ambas as famílias eram grandes latifundiárias da região. No início seu Domingos da Paixão queria a escola no lado de Muçumagro, mas D. Antônia reivindicava que deveria ser em Paratibe, pois, ali não existia nenhuma escola pública, em consenso entre as duas famílias, a escola municipal de nível fundamental ficou em Paratibe, sendo prometida a construção de uma em nível médio em Muçumagro.

Segundo Lima (2010) D. Antônia faz a doação do terreno onde atualmente funciona a escola que ela ajudou a fundar, sendo inaugurada como grupo escolar em 1972 com o nome de Grupo Escolar Municipal José Peregrino de Carvalho, no Governo Estadual de Ernani Sátyro (1971-1975), sendo obra da Gestão Municipal do prefeito Dorgival Terceiro Neto (1971-1974), tendo inicialmente quatro salas (uma diretoria, uma cantina e duas salas de aulas). (Ver anexos 02 e 03). Dona Antônia exerceu varias funções na escola, conforme Lima (idem, p.53): —ela tinha a função de secretária e o cargo de Diretora [...] foi nomeada, no início, para exercer o cargo de secretária, com o número de matrícula 0038 [...] admitida em 04 de março de 1954.

A função que passou o maior tempo foi de diretora, até 1992, quando faleceu vítima de câncer, após sua morte, tanto sua família, quanto a comunidade escolar mobilizaram-se para a mudança do nome da escola que ela fundou, passando em 1993 a se chamar EMEF Antônia do Socorro Silva Machado em sua homenagem, conforme aponta Jandira Pontes, a atual diretora geral desta unidade de ensino, quando questionada sobre a mudança no nome da escola esta nos informou que:

A prefeitura só mudou o nome da escola, porque, nós da escola e a comunidade fizemos pressão, o busto que temos em frente a nossa escola foi o viúvo de D. Antônia que mandou fazer e mandou colocar, não houver nenhuma manifestação de pesar da prefeitura em virtude da morte dela.

10 a 13 de maio de 2016

Atualmente a escola (Ver anexo 4) conta atualmente com uma estrutura de 15 salas de aulas e atende ao número de 1500 alunos, sendo deste 315 são remanescentes quilombolas, os demais pertencem aos bairros que cresceram no entorno do território quilombola, são estes: Sítio Muçumagro, Praia do Sol, Barra de Gramame, Nova Mangabeira, Parque do Sol, Conjunto Sonho Meu, nos três seguimentos educacionais oferecidos: Fundamental I, Fundamental II e a EJA Alfabetização, Ciclo I, II, III e IV. Sendo hoje uma unidade escolar bem diferente da —escolinha de D. Antônia e do Grupo Escolar Municipal José Peregrino de Carvalho, devemos destacar que estas mudanças ocorreram após a morte de D. Antônia, mas são reflexos do esforço e da luta desta educadora para assegurar o direito a Educação do povo quilombola de Paratibe.

### **CONSIDERAÇÕES**

Destacamos que o processo de inserção da Educação escolar na Comunidade Quilombola de Paratibe deu-se por intermédio de Dona Antônia do Socorro, que mobilizou tempo e esforços para que seu povo tivesse direito a frequentar uma escola dentro/perto da sua comunidade, com exposto, o Estado durante muito tempo esteve ausente, negando o direito a Educação desse povo, por isso, destacar a figura dessa mulher negra, quilombola e professora, nessa luta por Educação é importante para mostrar a mobilização das mulheres negras no Brasil.

A EMEF Antônia do Socorro Silva Machado, é um forte exemplo dessa luta popular do povo negro e quilombola pelo direito ao acesso e permanência na escola, sendo uma escola que nasceu em área quilombola e foi criada por uma quilombola, denota a importância da luta organizada para assegurar os direitos do povo negro, podemos observar isso através do levantamento bibliográfico realizado e nas entrevistas apresentadas que dialogam com a figura de D. Antônia nos demonstrando sua importância como pioneira na Educação dessa comunidade.

### **REFERÊNCIA.**

#### **Fontes Primárias.**

**Projeto Político Pedagógico da EMEF Antônia do Socorro Silva Machado**, Secretaria de educação do município de João Pessoa, João Pessoa: 2010.

\_\_\_\_\_. **Lista de Alunos Quilombolas** – Ano 2015- EMEF Antônia do Socorro Silva Machado, João Pessoa: 2015.

\_\_\_\_\_. **Projeto Quilombola**, João Pessoa: 2011- 2012.

Entrevista com a Diretora-Geral Estala Reis em exercício da EMEF Antônia do Socorro Silva Machado, concedida em 10/09/2014 em João Pessoa- PB.

Entrevista com a Diretora-Geral Jandira Nunes em exercício da EMEF Antônia do Socorro Silva Machado, concedida em 08/06/2015 em João Pessoa- PB.

#### **Fontes Bibliográficas.**



10 a 13 de maio de 2016

CAVALCANTE, Rejane de Barros e CRISPIM, Shirley Regina Azevedo. **A luta pela Educação dos Negros: A contribuição de D. Toinha**. III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais Olhares diversos sobre a diferença. 26, 27 28 de outubro de 2011, João Pessoa – PB. Disponível em: <http://www.itaporanga.net/genero/3/07/08.pdf>. Acesso em: 20/03/2013.

COSTA, Iany Elizabeth da. **A aplicabilidade da Lei 10.639/03 no ensino de História na Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônia do Socorro Silva Machado**. Monografia de Especialização. Orientador: Prof. Dr. Severino Bezerra da Silva. PPGDH/NCDH/UFPB/2014. CRUZ, Mariléia dos Santos, **Uma Abordagem sobre a História da Educação dos Negros**, In: \_\_\_\_\_ (Org) História da Educação do Negro e outras Histórias/ Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Brasília: Ministério da Educação, 2005.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no séc. XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FONSECA, Marcus Vinicius. **Pretos, pardos, crioulos e cabras nas escolas mineiras do século XIX**. In. \_\_\_\_\_. (Org) História da Educação do Negro e outras histórias/org. Jeruse Romão. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, MEC, 2005.

INCRA, **Relatório Técnico de Titulação e Delimitação do Território da Comunidade Negra de Paratibe**, João Pessoa: 2012.

LIMA, Sandra Maria Barbosa. **Fontes de informação na construção da memória da Professora Antônia do Socorro Silva Machado: Uma pessoa, uma escola dentro da comunidade**. João Pessoa, UFPB/CCSS, 2010. Monografia de graduação em Biblioteconomia.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História da Escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. **Mulheres e Educação no Brasil-Colônia: Histórias Entrecruzadas**. Revista do Grupo de Estudo HISTEDBR, ano 2006. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos\\_pdf/Arilda\\_Ines\\_Miranda\\_Ribeiro2\\_artigo.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Arilda_Ines_Miranda_Ribeiro2_artigo.pdf). Acesso em: 30/07/2015.

RODRIGUES, L.P. **A instrução feminina em São Paulo: subsídios para a sua história até a proclamação da República**. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1962.

THOPSOM, Paul. **A voz do passado: História Oral**, tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

## ANEXOS

Anexo 1 Reprodução da foto de D. Antônia do Socorro, disponível na Secretaria da EMEF Antônia do Socorro Silva Machado. Acervo: EMEF Antônia do Socorro Silva Machado. Acesso em: 13/07/13.

III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais:  
Igualdade racial no ambiente escolar

10 a 13 de maio de 2016



Anexo 2 Placa de Fundação do Grupo Escola Municipal José Peregrino de Carvalho - 1972. Arquivo EMEF Antônia do Socorro Silva Machado. Acesso em: 13/07/13.



Anexo 3 Placa de Ampliação e Reforma do Grupo Escola Municipal José Peregrino de Carvalho - 1991. Arquivo EMEF Antônia do Socorro Silva Machado. Acesso em: 13/07/13.



Anexo 4 Fachada da Escola Municipal Antônia do Socorro Machado, Bairro de Paratibe, João Pessoa – PB, fonte: Arquivo Pessoal, 2015.

III Congresso Nacional de Educação para as Relações Étnico-Raciais:  
Igualdade racial no ambiente escolar

10 a 13 de maio de 2016



